

O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA POR MEIO DA INTERAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Kellyda Martins de Carvalho UEG-UnU São Luís de Montes Belos¹

Kellyda_martins@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo busca colocar em discussão o desenvolvimento da aprendizagem de Língua Inglesa por meio da interação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TCs) no processo de ensino aprendizagem por discutir e refletir sobre a importância da integração das ao processo de aprendizagem. Tendo a visão Vygotskiana da aprendizagem colaborativa que é um recurso na educação, que consiste em estabelecer um procedimento em que o aluno, em conjunto com o professor, estabeleça compreensão e interpretação de informações de assuntos determinados Interagindo e construindo o conhecimento através das discussões.

Palavras-Chave: Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Aprendizagem colaborativa. Língua Inglesa.

A aprendizagem por meio da interação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo de ensino aprendizagem busca dados nas escolas para refletir sobre a aprendizagem significativa a partir do uso das novas tecnologias, apoiando-se nas reflexões de teóricos como Vygotski (2008), Piaget (1999), Figueiredo (2006) entre outros que são relevantes para o estudo referente à aprendizagem colaborativa.

Tendo a visão Vygotskiana da aprendizagem colaborativa que é um recurso na área de educação, o qual consiste em estabelecer um procedimento em que o aluno, em conjunto com o professor, estabeleça compreensão e interpretação de informações de assuntos determinados, como a internet através da informática para se alcançar a aprendizagem colaborativa. A aprendizagem colaborativa surge da necessidade de inserir metodologias interativas na educação. Para facilitar e expandir o conhecimento,

¹ Graduada em Letras pela UEG UnU São Luís de Montes Belos.

fazendo com que cada professor ou aluno possa aprender com o mesmo. Para Vigotski (2008), uma característica essencial no processo de aprendizagem é a ocorrência de ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) que é a distância entre o desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de seu desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.” Vygotski (2008). Quando o professor e o aluno coloca em pratica, através de pesquisar pela internet, revistas, jornais, vídeos, musicas e filmes, a justificativa para o que foi estudado em sala.a

Somente a partir da interação e cooperação, alguns processos internos como de caracterizar a imagem a figuras, o desenvolvimento pode ser operado. Além disso, relativo à ativação de processos que facilitem a aprendizagem, o desenvolvimento humano seria o produto de um sistema abrangente, capaz de incluir não apenas as funções individuais do sujeito, mas também sistemas de conexões sociais articuladores de forma coletiva de comportamento e cooperação social Vygotski,(2008).

Para Vigotski (1979), os seres humanos não apenas se adaptam ao mundo externo, como também tentam controlá-lo e dominá-lo. Esta necessidade de controle levou os homens a criar instrumentos para, com eles e com a colaboração dos outros homens, desenvolver o seu mundo (VYGOSTSKI 1979, apud org.FIGUEIREDO, 2006).

A aprendizagem colaborativa coloca os membros de uma comunidade de um modo que eles possam contribuir com seus conhecimentos. O processo de ensino aprendizagem não está somente envolvendo a ligação professor/aluno, mas sim todos aqueles que fazem parte do grupo de aprendizagem, como os monitores de laboratório de informática.

Interagindo e construindo o conhecimento através da discussão e da reflexão por meio de comunidades virtuais, de novas mídias e grupos de pessoas que buscam a aprendizagem(como os grupos de estudo), que está baseado na construção do conhecimento do indivíduo em aprender e o outro consiste em um processo de aprendizagem social onde todos trabalham em grupo.Tanto professores quanto

estudantes interagem juntos independente do lugar ou intermédio de outros, como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que podem ser definidas como tecnologias e instrumentos usados para compartilhar, distribuir e reunir informação, bem como para comunicar-se umas com as outras, individualmente ou em grupo, mediante o uso de computadores e redes de computadores interconectados (via Internet).

A aprendizagem colaborativa permite a troca de experiência; ponto de partida e de chegada da aprendizagem. É por meio das relações advindas de experiências que envolvem a ação de conhecer e a possibilidade de escolha que tornaremos o conhecimento mais significativo.

1.1 - Aprendizagem colaborativa

A aprendizagem colaborativa é uma abordagem construtivista que se refere, *grosso modo*, a situações educacionais em que duas ou mais pessoas aprendem ou tentam aprender algo juntas, seja por meio de interações em sala de aula ou fora dela, seja intermédio de interações mediadas por computadores (DILLENBOURG, 1999), cuja ênfase recai na co-construção do conhecimento dentro e a partir dessas interações. (DILLENBOURG, 1999, apud ORG. FIGUEIREDO, 2006, p. 12).

A concepção da aprendizagem colaborativa, embora todas tenham em comum o mesmo objetivo: considerar os indivíduos como agentes ativos na construção de seu conhecimento. Serão abordados aspectos referentes à teoria de Piaget e à teoria de Vygotski.

A teoria de Piaget tem como ponto central a estrutura cognitiva do sujeito e valorização dos diferentes níveis de desenvolvimento, que é facilitado pela oferta de atividades e situações que sejam desafiadoras. A interação social e a troca entre indivíduos funcionam como estímulos ao processo de aquisição do conhecimento (CAMPOS, 2003).

Para Piaget (1999) todo o desenvolvimento cognitivo só ocorre a partir da ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, uma interação, um princípio solidário implícito neste processo. A teoria construtivista piagetiana tem como fundamento a

Epistemologia Genética, a interação, sem as quais não há como construir o conhecimento, por que o mesmo tem a necessidade de interagir com o objeto, para construir sua própria definição.

Na teoria de Vygotski (2008), por exemplo, o desenvolvimento cognitivo é limitado a um determinado potencial para cada fase do desenvolvimento avaliando os sujeitos como causadores ativos na construção do seu conhecimento e para que se torne completo, necessita de interação social.

Vygotski (2008), afirma que a aprendizagem desencadeia-se entre o sujeito e os outros indivíduos, ou seja, no contexto coletivo. A cooperação gera reelaboração, porque as atividades geralmente são definidas à medida que a atividade se desenvolve. A Zona de Desenvolvimento Proximal constitui-se o centro da aprendizagem, pois ali se estabelece o processo de maturação. Torna-se importante as ações e as realizações, os contatos, a reflexão. (BAQUERO, 1998). Assim a Zona de Desenvolvimento Proximal está relacionada às ações que ainda não se desenvolveram totalmente e que poderão se desenvolver, com ajuda do outro. Quanto maior a ZDP do aluno, maior seu progresso quando se utilizar da colaboração, uma vez que receberá a contribuição de outros sujeitos. Segundo (Vygotski, 2008, p.97)

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes

A teoria vygotskiana, ressalta, portanto a importância da assistência de um companheiro mais capaz a um menos capaz, ressaltando ainda que o mais capacitado necessita de auxílio em outra atividade, o trabalho em grupo faz com que se desenvolva habilidade que sozinho a criança não consiga desenvolver.

A aprendizagem colaborativa tem uma visão de edificação do conhecimento no contexto social, onde alunos ensinando alunos; alunos ensinando professor; o professor ensinando os alunos. Os alunos podem escolher o seu papel e decidir o que irão realizar, através do processo que as atividades são desenvolvidas, por que as atividades são centradas nos alunos, o professor não dá instrução sobre como realizar atividades em grupo, o que leva ao aluno a se tornar mais ativo no processo de aprendizagem, já que não recebem informações passivamente do professor. Assim o

ensino e a aprendizagem tornam-se experiências compartilhadas entre alunos e professor, desenvolvendo, portanto as atividades intelectuais e sociais. De acordo com (DRISCOLL, 1994, p.236, apud NYIKOS E HASSHIMOTO, 1997, apud org. FIGUEIREDO, 2006, p.21)

[não] é suficiente [...] que os parceiros simplesmente trabalhem juntos ou que um parceiro domine e demonstre soluções para o outro. Eles devem co-construir a solução para o problema ou compartilhar, em conjunto, as decisões a serem tomadas sobre as atividades que serão coordenadas para resolver o problema. (DRISCOLL, 1994, p.236, apud NYIKOS E HASSHIMOTO, 1997, apud org. FIGUEIREDO, 2006, p.21)

A partir deste ensino colaborativo o desenvolvimento da aprendizagem juntamente com a integração tecnológica é fundamental, por vivermos em um mundo tecnológico, portanto as Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) promovem a motivação do professor, inseridas como novos métodos didáticos pedagógicos para ensinar conteúdos específicos, no período de uma ou duas aulas, por exemplo, com a finalidade de alcançar metas estabelecidas, observando o contexto sociocultural de cada aluno, e apresentando soluções criativas para o processo de ensino e aprendizagem principalmente no que se refere ao ensino/ aprendizagem do inglês como Língua estrangeira. Embora os recursos tecnológicos, incluídos na era digital, possam fazer parte dessas decisões do professor, eles não resolvem, por si só, problemas educacionais, por que a educação esta envolvida em parâmetros instituídos por governantes que visão a educação como currículo.

A integração das TICs ao processo de ensino de Língua estrangeira, mais especificamente o inglês, tendo em vista a potencialidade desses recursos para viabilizar uma aprendizagem mais significativa, ou seja, aquela que tenha sentido para o aprendiz e que a partir da mesma, o aprendiz possa ligar o mundo em que o cerca com os conhecimentos adquiridos. Introduzidas estão também as decisões sobre teorias de aprendizagem, incluindo as noções da aprendizagem colaborativa, e a escolhas de recursos tecnológicos mais adequados ao desenvolvimento da aprendizagem. Segundo (PAIVA, 1999, p. 364, apud FIGUEIREDO, 2006, p.17)

[em] contextos de aprendizagem de língua estrangeira, a preocupação com oportunidades de interação é ainda maior, pois o contato que o aprendiz tem

com a língua fica praticamente restrito à sala de aula, e esta nem sempre oferece condições ideais para a interação. As oportunidades de interação são, na maioria, situações artificiais em forma de simulações sujeitas à interferência negativa de fatores sociais e afetivos.

Ao se trabalhar com a aprendizagem colaborativa, há que se pensar nesses aspectos, de interação que o aprendiz tem com a Língua, pois muitos estudiosos, como Figueiredo (2006), Lévy (1997), Paiva (1999) entre outros mostram ser possível, essas propostas, melhorar o ambiente (presencial ou on-line), bem como a participação, o desenvolvimento da criatividade, a interdependência e a autonomia dos alunos.

O professor necessita ter clareza dos aspectos que envolvem a aprendizagem colaborativa em ambientes on-line para conduzir o processo, fazer com que os alunos possam interagir e realmente cooperar uns com os outros, com o objetivo de produzir conhecimentos, através das diferentes atividades possíveis. Bem como saber adotar um bom sistema de avaliação, de maneira que seja possível observar as mudanças ocorridas na aprendizagem dos alunos, utilizando-se dessa proposta.

A Internet poderá ser uma ferramenta para a criação de ambientes motivadores, interativos e colaborativos, mas somente disponibilizará algumas ferramentas como o e-mail, chats (salas de bate papo), fóruns, redes sociais, blogs, o que não significará que os alunos irão compartilhar e estarão trabalhando com base na aprendizagem colaborativa. Tudo dependerá da concepção organizada pelo professor, da metodologia utilizada e do direcionamento pedagógico dado ao curso com o auxílio da tecnologia, porque tal tecnologia por si só, não garantirá a inovação nem a qualidade do ensino, por se tratar de um ensino colaborativo o professor a máquina e o aluno devem desenvolver, um ambiente propício para a aprendizagem.

1.2- TICS - Tecnologias de Informação e Comunicação

De um ponto de vista cultural e pedagógico, a existência dos meios audiovisuais de comunicação de massa cria uma situação totalmente inédita. É preciso que se diga que sua situação é eminentemente incomoda. No relacionamento pedagógico habitual, o professor sabe os alunos não sabem, ou não sabem muita coisa. Com o cinema e a televisão, se constata uma defasagem entre o que os alunos sabem e o que os professores sabem, mas em sentido contrário: é o professor o ignorante. Os alunos tem um conhecimento das mensagens visuais e uma familiaridade no que respeita a

elas que os adultos não possuem. Além do mais, a nova geração nasceu num universo inativo pela imagem: esta sempre fez parte de seu horizonte cultural. Em contrapartida, os adultos que desejam interessar-se seriamente pelas imagens são obrigados a fazer uma verdadeira conversão mental e vivem dolorosamente um processo laborioso de aculturação. Os alunos já pertencem a uma civilização icônica, enquanto os professores pertencem a uma civilização pré-icônica. Daí uma história sem precedentes na história da pedagogia: os professores precisam, senão ultrapassar, pelo menos alcançar seus alunos. Não é impertinente pensar que os programas de iniciação destinados às crianças deveriam ser ministrados primeiros aos professores. Senão, seria como se um alfabeto tivesse pretensão de ensinar a alguém que já sabe ler o bom uso da língua” (MICHEL TARDY, 1976, p.26, apud SAMPAIO E LEITE, 1999, p.9)

A Era digital traz consigo o domínio das novas técnicas de informação, onde a sociedade esta constantemente sendo beneficiada pelos progressos da tecnologia, que vem causando constantes mudanças sociais e comportamentais na vida do ser humano, tornando-os multáveis a diferentes tipos de espaço, tempo e cultura.

As tecnologias digitais que começaram a aparecer em nossas vidas timidamente hoje em dia já fazem parte do cotidiano da maior parte da sociedade, e já não são do nosso arbítrio aceitar ou não as tecnologias, por que estaremos nos excluindo do mundo. Pois, este é totalmente globalizado e conectado por redes de comunicação. Portanto, precisamos aprender a utilizar significativamente estes recursos disponíveis e inegáveis no nosso meio.

Vivemos em uma sociedade de aprendizes digitais, que podem ser nativos ou não, assim: “Os nativos digitais são pessoas nascidas na década de 1980, os jovens de hoje em dia que sempre tiveram contato com a tecnologia” (TOSCHI, 2010, p.8), logo os nativos digitais são capazes de fazer várias coisas ao mesmo tempo (ouvir musica, assistir vídeo, fazer algumas pesquisa na internet, manter comunicação através de Chats) e os nativos digitais têm suas características próprias, como linguagem, leitura e comportamento. Tornando a digitalização não mais um experimento, mas sim uma necessidade de desenvolvimento. Já que estamos em uma era digital.

Sendo assim, o professor também faz parte desta nova concepção de aprendizagem. Portanto, saber utilizar estes recursos, pois como nos afirma Paulo Freire (1989, p.11) “[...] a leitura de mundo precede a leitura da palavra [...]” desta forma as novas tecnologias depende muito mais das instituições e dos professores do que delas

mesmas. O professor necessita ser um alfabetizado tecnológico para ajudar seus alunos. Para (SAMPAIO e LEITE 1999, p.61)

[...] a alfabetização tecnológica [...] poderá constituir-se em ferramenta para o trabalho e a comunicação, além de um meio de: superação de uma percepção ingênua e apriorística do mundo e do preconceito em relação às diferentes culturas e modos de expressão; aumento do limite de possibilidades na vida; formação de uma concepção própria do mundo através de uma interação com a informação e o conhecimento; construção do homem-sujeito, ativo e criador de cultura; em fim um meio de expressão e libertação.

Lembrando que as novas tecnologias são necessárias para a comunicação, portanto superar sua prática é um dos desafios que o professor da era digital deve enfrentar. Essa superação transformara-se em educação libertadora. A educação libertadora começará a partir do momento em que os limites foram transgredidos e a interação usando as novas tecnologias tiver um significado na construção do conhecimento. Sendo que, só ocorrerá este aprendizado com a ligação dos meios sócios – econômicos e culturais, pois os recursos disponíveis dependerão da política econômica de cada escola, cidade ou estado.

E esses recursos disponíveis incluem as tecnologias de informação como sendo essenciais no mundo globalizado. De acordo com (SAN'ANNA, 2004, p.16)

A inclusão das tecnologias de informação e comunicação ajuda eficazmente o aprendizado, porém exige um planejamento e aplicação competentes; como material de apoio se constituem de uma extraordinária ferramenta de ensino. (SAN'ANNA, 2004, p.16)

Observamos que devem ser usados como material de apoio, ou seja, como ajuda e recursos, não como os principais elementos de uma aula. E as aulas as quais os professores forem utilizar destes recursos precisam de planejamento, como qualquer outra aula. Para que aconteça uma aula de boa qualidade o professor precisa saber manusear as tecnologias de informação adequadamente, pois a qualificação profissional levará ao acréscimo da aprendizagem. E com isso, haverá uma reinvenção da educação.

O processo de reinvenção da educação faz-se necessário frente às mudanças sofridas na educação nos dias atuais. Assim (SAMPAIO e LEITE, 1999, p.41) estabelecem que:

[...] as inovações tecnológicas têm produzido transformações na organização social, no trabalho, no cotidiano. Atingem toda a sociedade e introduzem mudanças relevantes no conhecimento, na cultura e nas relações de poder, exigindo das pessoas, das instituições e da sociedade como toda a busca de formas de inserção e participação na nova realidade.

Assim as mudanças que ocorrem na sociedade, gira primeiramente a frente do conhecimento, o qual modifica o meio que esta inserida a uma nova realidade social, política cultural, e educacional.

Lembrando que as Tecnologias de informação e comunicação são ferramentas que contribuem para as praticas escolares, essas se apresentam de múltiplas formas como, **CD-I** –(Compact Disc Interactive), **CD-ROM** — (Compact Disc Read Only Memory), **CSCL** — (Computer Supported Cooperative Learning Aprendizagem cooperativa auxiliada por computador), **DVD** — (Digital Vídeo Discs discos digitais de vídeo), **E-mail** — (Correio eletrônico), **Hipermídia** — (Desenvolvimento do hipertexto, a hipermídia integra texto com imagens, vídeo e som, geralmente vinculados entre si de forma interativa. Uma enciclopédia em CD-ROM seria um exemplo clássico de hipermídia), **Hipertexto** —(Uma forma não-linear de apresentar e consultar informações), **Internet** —(O nome Internet vem de *internetworking*, ligação entre redes), **Link** — (Frequentemente traduzido como "vínculo", uni link é uma conexão entre dois elementos em uma estrutura de dados), **Pixel** — (Contração de *picture element*), **Scanner** — (Equipamento destinado à digitalização de imagens a partir de originais impressos em papel, em filme fotográfico ou em transparências), **Site** — (Um conjunto de páginas da **Web** que façam parte de um mesmo URL ou "endereço"), entre outros como **Microsystems, Home Theare, Data show, TV, Digital Camera, Iphone, IPods, Table, Cell Phone, Notebook e Computer.**

Segundo os PCNs (2008), Parâmetros Curriculares Nacionais de Línguas Estrangeiras, que discutem com relevância a cidadania e as praticas de ensino de Língua Estrangeira, por fatores de inclusão e exclusão por valores da globalização, por meio da

admissão de novas teorias sobre linguagem e as novas tecnologias. Os (PCNs, 2008, p. 106) de Língua Estrangeira baseiam-se em um novo conceito de que;

O novo conceito de letramento permite a compreensão desses novos e complexos usos (de varias habilidades) da linguagem em situações como as que descrevemos anteriormente, referidas agora como “letramento visual”, “letramento Digital”, etc. Surge assim o conceito de multiletramento para dar conta da extrema complexidade desses novos e complexos usos da linguagem por novas comunidades de pratica.

A partir destas novas tecnologias de informação e comunicação, devemos discutir as varias formas de ensinar, com ou sem intermédio da tecnologia, pois o professor, que é responsável por esta mediação que proporcionara o desenvolvimento da aprendizagem terá que se adaptar ao novo conceito de ensinar. É importante termos discernimento, que não é apenas mais um método, ou uma simples comunicação através de mídias, por fazer uma apresentação visual, mediada por um computador, necessita de uma reflexão, tanto do professor como do aluno para se chegar a aprendizagem.

A utilização das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), como ferramenta, portanto traz uma enorme contribuição para a prática escolar de ensino, por que a tecnologia entrou na vida do homem para facilitar. Assim as TICs, visam às possibilidades que o ciberespaço oferece para a criação de novos padrões de aquisição e construção dos conhecimentos, permitindo o uso interativo de diversas mídias e a exploração hipertextualidade informações diverso.

2.1 – O ensino de Língua Inglesa com o uso das Novas Tecnologias

Ao longo dos anos o contexto do ensino e aprendizagem de Língua Inglesa, passou por mudanças que visam à integração e a articulação das dimensões sócio-interacionais da aprendizagem, tendo influencia primordial assim do uso de imagens, áudios e vídeos, nos últimos tempos as Tecnologias De Informação e Comunicação (TIC's)

Na última década, a Internet agregou uma perspectiva hipermidiática à nossa rede de inter-relações, mudando, inclusive, nossa visão de tempo e espaço tanto

geográfico como cultural. Mais recentemente, as ferramentas da web 2.0 (blogs, wikis, podcasts etc.) vêm ampliando as possibilidades para interações síncronas (que acontece em tempo real) e assíncronas (não necessitam estar conectados ao mesmo tempo) entre os alunos de diferentes partes do planeta que têm interesse em aprender juntos, colaborando para a co-construção do conhecimento. Tais recursos viabilizam o desenvolvimento das duas noções básicas da aprendizagem colaborativa – a de compartilhamento e a de empréstimo de conhecimento entre os envolvidos. A noção de compartilhamento *shared knowledge*², refere-se à idéia de que alunos estudando juntos aprendem mais do que indivíduos trabalhando separadamente. Outra a de empréstimo *borrowed knowledge*³, está relacionada à concepção de que alunos aprendendo com um par mais competente entendem melhor as tarefas de aprendizagem e, em consequência, aprendem de uma maneira mais eficiente. Essas noções encontram ressonância na perspectiva vygotskiana que preconiza que a colaboração, o aprender com o outro, a zona proximal de desenvolvimento e o *scaffolding* (andaime) são essenciais em uma aprendizagem significativa (WOOD, BRUNER E ROSS apud FIGUEIREDO, 2006, p. 15; HEDEGAARD, 1996, p. 171-172, 191-193; VYGOTSKY, 1996).

Além disso, as tecnologias fundamentadas no conhecimento em ação do professor, representadas pelas suas decisões de como ensinar conteúdos específicos, num certo tempo, com a finalidade de alcançar metas preestabelecidas, num determinado contexto sociocultural, formam também uma rede de conhecimento teórico-metodológico que vem norteando e apresentando soluções criativas para o processo de ensino e aprendizagem de inglês como Língua Estrangeira, embora os recursos tecnológicos, incluindo os emergentes da era digital, possam fazer parte dessas decisões do professor, eles não resolvem, por si só, problemas educacionais. Em tais decisões, acham-se implícitas relações com o contexto, aspectos de custo-benefício, níveis de adequação e satisfação do público-alvo, por exemplo, no processo de conceber, desenvolver, programar e avaliar soluções para um determinado problema educacional em relação à língua estrangeira (DIAS, 2002).

Na visão de Morin (apud CELANI, 2006, p. 37), “[...] o professor não pode, como é ainda comum, perceber o objeto de sua disciplina como algo auto-suficiente,

² Leia-se: conhecimento compartilhado

³ Leia-se: conhecimento por empréstimo

sem fazer ligações com outros objetos estudados em outras disciplinas, ligações com o universo de que ele e seu aluno fazem parte”. Nesse processo, é importante que o professor propicie a interligação entre os saberes da sua área de atuação com os demais saberes que são necessários para a formação escolar e vida do aluno. O conhecimento passa a ser significativo para o estudante e gera, assim, uma descentralização do papel do professor no processo e configura o aluno como co-autor da aprendizagem.

Ampliando esse posicionamento, Lévy (1998) afirma que “[...] as novas tecnologias utilizadas como ferramentas pedagógicas na escola redefinem sua função docente e agregam às práticas de ensino e aprendizagem novos modos de acesso aos conhecimentos.”

A idéia de mudança das práticas educativas sem repetição dos velhos paradigmas educacionais, pois remodelar o "velho" com a simples incorporação de recursos tecnológicos não inclui as dimensões humanas e sociais da aprendizagem. O valor desses recursos não está neles mesmo, mas no uso adequado que deles fazemos na situação específica do ensino de inglês como língua estrangeira, tendo também por meta o desenvolvimento do letramento digital do aluno.

Outro recurso que deve ser inserido no planejamento didático é a web que pode ser facilmente integrada ao processo de ensino e aprendizagem da Língua Estrangeira, com suas as ferramentas Wiki. Estas podem ser definidas como programas que permitem a criação e edição de textos, pelo aluno, diretamente na Internet, sem requerer nenhum conhecimento de programação em html (HyperText Markup Language). Entre essas ferramentas, posso citar as seguintes: a Wetpaint (www.wetpaint.com), a PbWiki (www.pbwiki.com) e a Wikispace (www.wikispaces.com). Elas podem ser particularmente úteis para a produção textual na perspectiva da escrita como um processo cíclico e recursivo, que envolve múltiplas revisões e feedback de colegas e do professor com fins ao aperfeiçoamento do texto, outras ferramentas que podem ser inseridas são redes de comunicação, como o facebook, twitter, myspace, mensseger, h5, entre outros, ,pois os mesmos oferecem ferramentas de discursão e desenvolvimento no ensino e aprendizagem de Língua Inglesa a partir do ensino colaborativo.

2.2 O ensino de Língua colaborativa

Segundo Vygotsky (1998) a ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) é um aspecto essencial do aprendizado, pois faz despertar vários processos internos de desenvolvimento, capazes de operar quando ocorre a interação com pessoas do mesmo ambiente e quando há cooperação entre os semelhantes. Ao internalizar tais processos, eles se tornam parte das aquisições do desenvolvimento de um indivíduo. A ZDP, para Fino (2001) “é onde o aprendiz, o instrutor e o conteúdo interagem com o problema para o qual se procura uma resolução”, sendo que Moita Lopes (1996) conceitua a ZDP como “resultado dos processos de interação entre o aprendiz e interlocutores mais competentes”.

O processo de interação dos estudos vygotskianos, é um elemento motivador dos estudos acerca da interação entre professor-aluno e aluno-aluno. Nas aulas de Língua Inglesa desloca a pesquisa na área de Língua Estrangeira para outros aspectos que não sejam o tradicional professor ou focado como nos últimos anos, somente no conteúdo, a interação na sala de aula, deve se constatar que a diversidade presente no grupo de alunos é fator imprescindível para as interações decorrentes naquele contexto. “Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento (REGO, 1995)” transmitindo à sala de aula a possibilidade de trocas entre estes indivíduos e, conseqüentemente, a ampliação de suas capacidades individuais.

Assim os valores das interações na sala de aula passam a ser entendido como uma condição necessária para a produção do conhecimento. A utilização de tarefas colaborativas, particularmente aquelas que permitam o diálogo, a cooperação e troca de informações, o confronto de pontos de vista divergentes e divisão de responsabilidades para sua execução, resultarão no alcance de um objetivo comum aos aprendizes (REGO, 1995). Entendendo, então, que cabe ao professor permitir e promover essas interações nas aulas de Língua Inglesa, servindo de mediador na regulação das atividades mentais e sociais estabelecidas entre os indivíduos.

As tarefas colaborativas atendem a um detalhe importante em relação aos termos colaborativo e cooperativo. Para Brown (2001), a aprendizagem cooperativa direciona-se ao trabalho em grupos, cujos componentes compartilham informações e auxiliam um ao outro. Na aprendizagem colaborativa o aprendiz recebe assistência ou

orientação de colegas, professores ou pessoas mais capazes. O autor define que a interação na sala de aula é a troca colaborativa de pensamentos, sentimentos ou idéias entre duas ou mais pessoas, resultando em um efeito recíproco entre os integrantes.

Para Brown (2001) grupos pequenos em sala de aula (entenda-se dois ou mais alunos) farão uso da Língua e colabora um com o outro, independente das diferenças de conhecimento lingüístico entre eles, para executar as tarefas solicitadas. Estas oportunidades auxiliam o aprendiz a iniciar-se no processo de construção de significado no uso da língua-alvo. A sala de aula poderá se tornar um contexto real e social, na qual os aprendizes reconhecerão no desenvolvimento das tarefas situações de vida real.

A sala de aula deve ser um espaço de prazer para os alunos e o professor, para que a execução das tarefas possa fazer com que haja aprendizagem. Foi demonstrado acima como é importante a participação ativa do professor na condução das atividades. O lugar do professor de Língua Inglesa não é na frente da classe, mas entre os alunos, participando ativamente das tarefas propostas, esclarecendo dúvidas, garantindo a interação, em fim, conduzindo o processo. A utilização de jogos e brincadeiras em sala de aula (“batata-quente”, palavras cruzadas, “search for someone who...”, mímica, jogo da memória, etc.) faz com que haja uma descontração produtiva, promovendo a interação entre os atores do processo, e fazendo com que os alunos aprendam a usar a Língua Inglesa, sem precisar um trabalho explícito de regras gramaticais. Não se quer simplesmente descartar explicações gramaticais em sala de aula, mas uma vez que língua é gramática, e que as pesquisas têm mostrado que a aprendizagem implícita da gramática é mais produtiva, o enfoque do professor de Língua Inglesa tem sido de promover a produção oral, integrada com as outras habilidades, leitura, compreensão oral e escrita — por ter este estudo à intenção de pensar atividades e tarefas para desenvolver a produção oral e qual é sua importância na motivação do aluno de Língua Inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que uma grande parte das escolas já está equipada com computadores, laboratórios com acesso a Internet e, por sua vez, com vários recursos tecnológicos de qualidade e dos mais diversos formatos disponíveis. Mesmo com os avanços e que não haja dúvidas de que as tecnologias de fato estão sendo utilizadas, não houve grandes transformações, impedidas, principalmente, pela falta de professores capacitados para utilizar adequadamente estes recursos e, em consequência disto, temos um processo de ensino-aprendizagem com resultados insatisfatórios.

Em parte dos cenários dos nossos dias, crianças, adolescentes, jovens e adultos trazem para o seu repertório cognitivo as linguagens e formatos próprios das tecnologias digitais. Já os ambientes de formação educativa, concentram-se ainda na fala e na escrita. Percebe-se assim, um descompasso entre as didáticas escolares e as formas de expressão da contemporaneidade.

Quando o professor não domina a tecnologia sente-se inseguro para lidar inclusive com as disciplinas de sua especialidade. Sem dominar e conhecer os benefícios advindos do uso destas ferramentas, raramente conseguirá ministrar uma aula de qualidade, pois a falta deste conhecimento se sobrepõe ao que ele tem dos conteúdos a serem abordados. Essa insegurança pode ser causa da rejeição ou da antipatia que alguns educadores possuem pelas tecnologias. Quando as pessoas, por desconhecimento de uso, criam uma aversão a esses recursos e, naturalmente, deles se afastam. De igual modo, há os mais próximos dos aprendizes que se apropriam com alto entusiasmo e fluidez das tecnologias. (LEVI, 1999)

A falta de preparo tecnológico dos professores revela uma problemática preocupante: como um professor vai lidar com alunos que, muitas vezes, estão digitalmente mais incluídos do que ele. Assim qual a postura a ser adotada pelo professor de Língua Inglesa diante da tecnologia, considerando que a sua prática pedagógica deve acompanhar o contexto em que vivemos atualmente no qual as relações também acontecem dentro do ciberespaço. Diante desta afirmação, confirmamos a emergência de um novo professor de Língua Inglesa, que busque uma formação, para trazer o mundo para dentro da sala de aula, mundo este que os alunos estão engajados em desbravar e que os mesmos reconhecem a importância da aprendizagem da Língua Inglesa, importância esta profissional e comunicativa.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucídio Pimenta. **Ciberprofessor: Novas tecnologias, ensino e trabalho docente.** – Belo Horizonte, MG: Autentica/FCH-FUMEC, 2004.

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.** Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. **PCN+ Ensino Médio - Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999. Disponível em <http://www.mec.gov.br>

CAMPOS, F. et al. **Cooperação e aprendizagem on-line.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARNEIRO, Raquel. **Informática na educação: representações sociais do cotidiano.** – São Paulo, Cortez, 2002.

CARRARA, Kester. (org.). **Introdução à psicologia da educação: seis abordagens.** - São Paulo: Avercamp, 2004.

FELTRAN, Antonio Filho. **Técnicas de ensino: por que não?.** Ilma Passos Alencastro Veiga (org.). - Campinas, SP: Papyrus, 1991.

FIGUEIREDO, F. J. Q. (org.). **A aprendizagem colaborativa de línguas.** Goiânia: Editora UFG, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

GIKOVATE, Flávio. **A arte de educar.** Curitiba: Nova Didática, 2001.

GIUSTA, A. da S.1985. **Concepções de Aprendizagem e Práticas Pedagógicas**. In: Educ.Rev. Belo Horizonte, v.1: 24-31.

IRALA, Esrom Adriano Freitas; TORRES, Patrícia Lupion. **O uso do AMANDA como ferramenta de apoio a uma proposta de aprendizagem colaborativa para a língua inglesa**. Abril de 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/172-TCD4.htm>> Acesso em: 11/06/2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** ; Trad. Paulo Neves; - São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**; trad. Carlos Irineu da Costa; - Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Piaget: Sugestões aos educadores**; apresentação de Barbara Freitag. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MOLL, Luis C. **Vygotsky e a educação: Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica**; trad. Fani A. Tesseler. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MOREIRA, Marco Antonio. **Teorias de aprendizagem**; - São Paulo: EPU, 1999.

PERRENOUD, Phipippe. **A Pedagogia na Escola das Diferenças. Fragmentos de uma sociologia do fracasso**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. – São Paulo: Editora Ática S.A, 1993.

SAMPAIO, M. N e LEITE, L.S. **Alfabetização tecnológica do professor**. –Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SANT'ANNA, Ilza Martins e SANT'ANNA, Victor Martins. **Recursos educacionais para o ensino: quando e por quê?** . – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Tecnologia do ensino**; trad. Rodolpho Azzi.- São Paulo, Herder, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

TOSCHI, Mirza Seabra (org.). **LEITURA NA TELA: da mesmice à inovação.** Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.

VIGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente**; trad. José Cipolla Neto. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BROWN, H. D. **Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy.** New York: Pearson Education, 2nd ed., 2001.

DIAS, R. **A incorporação de tecnologias ao processo de ensino e aprendizagem de inglês como língua estrangeira.** Belo horizonte: PucMinas Virtual, 2002 (manuscrito).

FIGUEIREDO, F. J. Q. (org.). **A aprendizagem colaborativa de línguas.** Goiânia: Editora UFG, 2006.

FINO, C. N. **Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD): três implicações pedagógicas.** *Revista Portuguesa de Educação.* Vol. 14, n° 2, p. 273-291, 2001.

GIMENEZ, T. (Org.). **Trajetórias na formação de professores de línguas.** Londrina: Editora UEL, 2002.

LEFFA, Vilson J. (org) ***O Professor de Línguas Estrangeiras – Construindo a Profissão.*** Pelotas: Educat, 2006.

LÉVY, P. **A máquina Universo: criação, cognição e cultura informática.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, ***Orientações Curriculares Nacionais Ensino Médio.*** Brasília: 2006.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática.** Maceió: EDUFAL, 2002.

MORAN, J. M.. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá.** 1 ed., Campinas-SP: Papirus, 2007.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras**: breve retrospectiva histórica. Disponível em:
<http://www.veramenezes.com/techist.pdf> >Acesso em: 25/09/2011.

_____. **O computador**: um a trator estranho na educação lingüística na América do Sul. Disponível em:<<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/revista/a1n1/pal4.pdf>>
Acesso em: 25/09/2011.

_____. **A www e o ensino de inglês**. Revista Brasileira de Lingüística Aplicada 2001, nº1, vº 1.

_____.(org.)**Ensino de Língua Inglesa**: reflexões e experiências. Campinas São Paulo: Pontes Editoras, 4ª edição, 2010.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SAMPAIO, M. N e LEITE, L.S. **Alfabetização tecnológica do professor**. –Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

STEVENS, C.M.T. e CUNHA, M.J.C. (Org.). **Caminhos e colheita**: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

VIGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente**; trad. José Cipolla Neto. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.

